

A Revista *A Cigarra* no espaço urbano 1914-1934.

Hivana Mara Zaina de Matos¹

Resumo: Nas primeiras décadas do século XX a grande diversidade de jornais e revistas publicados em circulação na cidade de São Paulo surge como uma referência importante sobre a vida cultural de diferentes grupos sociais. Este é um dado apontado por diversos autores, que também sugerem um processo crescente de popularização da imprensa que vai além do público letrado. Publicada entre 1914 e 1975, *A Cigarra* foi um periódico extremamente relacionado com as diversas transformações culturais ocorridas nas primeiras décadas do século XX, fazendo crer que a imprensa aparecia como uma consequência da modernidade na cidade de São Paulo. A pesquisa na revista *A Cigarra* mostrou que, assim como outras publicações da época, influenciava nas transformações de valores sociais e culturais da cidade de São Paulo que se transformava.

Palavras-chave: Imprensa, Sociedade, Cultura, cidade de São Paulo.

Analisando a bibliografia sobre a imprensa, percebemos que diversos autores apontam o início do século XX, período em que surge *A Cigarra*, como um momento de crescentes transformações na imprensa. Nelson Werneck Sodré já havia assinalado a diversificação e modernização técnica da imprensa nesse período: “A luta pela rapidez exigiu da imprensa sucessivos inventos, conduzindo à velocidade da impressão, acompanhando o enorme e crescente fluxo de informações, devido ao telégrafo, ao cabo submarino e, depois, ao telefone e ao rádio”.²

Nas primeiras décadas do século XX a grande diversidade de jornais e revistas publicados em circulação na cidade de São Paulo surge como uma referência importante sobre a vida cultural de diferentes grupos sociais. Este é um dado apontado por diversos autores, que também sugerem um processo crescente de popularização da imprensa que vai além do público letrado. Publicada entre 1914 e 1975, *A Cigarra* foi um periódico extremamente relacionado com as diversas transformações culturais ocorridas nas

¹ Mestre em História, Universidade Estadual Paulista, UNESP; Docente da Faculdade Santa Izildinha.

² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p.03. Ver também: BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. Ministério da Educação e Cultura, Imprensa Nacional, 1964.

primeiras décadas do século XX, fazendo crer que a imprensa aparecia como uma consequência da modernidade na cidade de São Paulo.

Com o aumento gradual das taxas de alfabetização a imprensa transformava-se e tornava-se mais acessível atingindo uma parcela maior da população. Juntamente com o desenvolvimento tecnológico da imprensa, cresce a produção, a circulação e o consumo de jornais e revistas. A imprensa torna-se um produto, um negócio rentável, com um volume significativo de exemplares vendidos e com a inclusão de espaços destinados às publicidades.³

A presença de textos, artigos, publicidades, fotografias entre outras imagens permitiu a análise de que a grande disponibilidade de informações abriu vários canais de comunicação com a população letrada ou não. Entendendo a imprensa como uma prática social em constituição, vimos que *A Cigarra* participou ativamente dos modos de viver e pensar da cidade. Isto foi visível através da própria constituição do periódico.

A imprensa paulistana na qual se inseria a revista *A Cigarra*, também era uma das responsáveis por transmitir ao público leitor, novas linguagens, costumes, comportamentos e hábitos, pois, ai mesmo tempo em que trazia assuntos diversos e diferentes, atualizava o leitor mostrando-lhes novos “comportamentos e hábitos”.

Segundo dados recolhidos por Heloísa de Faria Cruz, das 523 revistas publicadas em São Paulo no período entre 1870 a 1930, 179 se intitulavam ‘literárias’, 78 eram de ‘variedades’ e 62 ‘humorísticas’; números relevantes já que no século XIX a quase totalidade das revistas era dedicada à literatura.⁴

Algumas autoras que trabalharam com a revista *A Cigarra* caracterizaram seu discurso como “triumfalista”, preocupado em afirmar o progresso e a modernização da cidade de São Paulo, com um tom “grandiloquente e rebuscado”⁵ e um perfil editorial

³ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta. Periodismo e vida urbana-1890-1915*. São Paulo: EDUC, Fapesp, Arquivo do Estado de São Paulo, imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p 71.

⁴ CRUZ, Heloisa de Faria. (org.) *São Paulo em Revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana. 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997, (Coleção Memória; Documentação e Pesquisa 04), p. 275, 276.

⁵ CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e outros registros. Flagrantes do Pré-modernismo (1911-1918)*. Dissertação de Mestrado: IFCH/UNICAMP/ Campinas, 1990, p. 91; ver, também, PADILHA, Márcia. *A Cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001, p. 39.

definido em função de suas elites. Até mesmo em suas notícias encontrava-se constantemente essa linguagem marcada pelo uso de expressões superlativas:

Está no Brasil o grande rei:

*Príncipe afortunado, que soube ser o soberano do heróico povo que se opôs como uma barreira viva à avalanche dos inimigos da sua pátria e da civilização da sua raça, teve dos fados o invejável destino de se fazer o maior herói de uma legião de heróis – o Rei Alberto.*⁶

Outros autores, no entanto, reforçam a ênfase d'A *Cigarra* no mundo feminino visível tanto nas suas temáticas quanto na existência de uma seção exclusiva para suas leitoras. Chegam a incluir A *Cigarra* no rol de periódicos da 'imprensa feminina' pois, ao longo de sua existência ela teria se tornado "mais adequada às mulheres pelo tipo de anúncio que publicava".⁷

A leitura dos exemplares d'A *Cigarra*, no entanto, permitiu inventariar seus assuntos, possibilitando a análise de seu projeto editorial como uma revista de variedades que reunia o aspecto noticioso, o literário e o de entretenimento. A *Cigarra* é construída de forma rica e variada: há textos sérios e cômicos, há fotografias e reportagens, poemas e notas sociais, textos de literatos e espaços abertos aos mais variados tipos de leitores. A preocupação d'A *Cigarra* com os mais diferentes assuntos fazia com que ela se afirmasse como uma revista ilustrada de variedades, características de outros periódicos do período. Assim ela definia o seu perfil e interesses:

*Em suas páginas encontram os leitores, sejam quais forem as suas exigências, a sua leitura habitual, a crônica dos acontecimentos, a poesia, a novela, o humorismo, a crítica de arte, as notas de mundanismo e de elegância, e vários outros assuntos de oportunidade, tratados com leveza e graça.*⁸

Com "leveza e graça" A *Cigarra* informava sobre o que ocorria na cidade e no mundo, fazia literatura e entretia homens e mulheres, adultos e crianças.

⁶ Nesta notícia a revista descreve a presença do rei da Bélgica no Brasil. A *Cigarra*, ano 7, n.º 145, 01/10/1920. Grifo nosso.

⁷ BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ed. Ática, (Série Princípios) 1986, p. 43.

⁸ A *Cigarra*, ano 12, n.º 223, 01/10/1924.

Em seu número de abertura, *A Cigarra*, ao pedir colaborações literárias, já indica uma linguagem elaborada e seletiva, mais voltada para a população letrada apegada, aos rigores da língua e aos moldes tradicionais da escrita literária:

A *Cigarra*, sendo uma revista profundamente artística, acolhe com o máximo prazer toda a boa colaboração em prosa ou verso que os nossos leitores nos enviarem.

Assim, publicaremos crônicas leves, contos graciosos, piadas de espírito e todos os versos, vazados em forma elegante, sem defeitos de métrica que recebemos dos que pretenderem colaborar n'A Cigarra.

*As nossas colunas são franqueadas aos que, neste século de literatura enfermeira e cansada, ainda fazem, com a sonoridade do verso ou com o burilamento da frase, a delícia dos que sabem ler.*⁹

Entretanto, com uma grande frequência de palavras em outras línguas, sendo mais assíduo o francês, em seus registros de linguagem também observamos a predominância de uma linguagem descontraída, mas ao mesmo tempo um pouco mais formal, isto é, ao mesmo tempo em que não seguia uma linguagem totalmente acadêmica, voltada para os literatos do momento, trazia um discurso um pouco elaborado, o que a caracterizava como uma revista indicada para variados tipos de público leitor. A linguagem também se tratava de uma estratégia da revista para encantar seus leitores, pois, já que uma grande parte da população era analfabeta, e havia uma grande quantidade de publicações periódicas surgindo em todo momento, ao se estruturar de uma maneira mais abrangente, a revista conquistava os mais diferentes e variados tipos de leitores, o que, conseqüentemente, aumentaria suas vendas.

Assim também, ao procurar entreter através de concursos, charadas, palavras cruzadas, entre outros, a revista continua, muitas vezes, afirmando seu estilo formal e pomposo com um discurso requintado, frases ricamente estruturadas e uma linguagem apurada pontuada de superlativos, que pretendia exaltar a inteligência de seus leitores:

Os concursos d'A Cigarra:

A Cigarra pretende interessar os seus numerosos leitores em repetidos e atraentes concursos, dedicados às diferentes classes de público.

Os concursos aparecem, geralmente, uma futilidade; e são, afinal, um excelente exercício de ginástica intelectual, uma fonte de úteis e são entretenimentos. Diante de um problema, que é misteriosamente proposto á nossa curiosidade, o raciocínio

⁹ *A Cigarra*, ano 1, n° 1, 06/03/1914. Grifo nosso.

*aguça-se, as faculdades do espírito **subtilizam-se e a inteligência** põe em jogo todos os seus recursos.*¹⁰

Portanto, apesar d'A *Cigarra* apresentar-se como uma revista voltada para as diferentes classes sociais, o que se lê é um discurso, como já foi destacado, elitista e pomposo. Em um momento em que a imprensa se fazia a partir do que os leitores pediam, viviam e liam, a revista insiste em uma linguagem cheia de adjetivos e superlativos, preservando a norma culta da língua, o que sugere que os leitores é que deveriam se moldar, ou melhor, se adequar à revista.

Estruturada em moldes empresarias e visando o lucro, *A Cigarra* não fez questão de demonstrar sua direção política ou ideológica. Ao contrário, em diversas ocasiões a revista reafirma seu caráter imparcial e isento:

*Não tendo A Cigarra ligações partidárias com este ou aquele grupo, mais á vontade se sente para encarar sem nesga de paixão o atual momento político e poder dizer o que pensa em relação às qualidades e atributos dos dois candidatos escolhidos.*¹¹

Contudo, em outro momento, vê-se a simpatia da revista com o governo. Através de uma série de reportagens, editadas entre os anos de 1917 e 1918, intituladas “A Defesa Nacional” e publicadas como uma seção, a revista afirma sua simpatia ao exercício militar, com um discurso ufanista, glorificando os soldados que poderiam participar da Primeira Guerra Mundial:

*A Defesa Nacional, que está a cargo de um distinto oficial do nosso exército, e cujos ensinamentos minuciosos e práticos, são de grande alcance e oportunidade neste momento, em que o Brasil acaba de desfraldar a sua gloriosa bandeira ao lado de outras nações que se batem pelo triunfo da civilização humana.*¹²

A grande variedade de assuntos e fotografias parece constituir inicialmente, o “grito alto” que cantaria *A Cigarra*. A impressão que se tem ao ler as seções, artigos, contos, poesias e crônicas, é que a revista “conversava” com inúmeros e diferentes leitores. Através das seções, pode-se visualizar a grande variedade de assuntos e informações abordados na revista, cobrindo acontecimentos da sociedade paulistana -

¹⁰ *A Cigarra*, ano 1, n° 1, 30/03/1914. Grifo nosso.

¹¹ *A Cigarra*, ano 2, n° 37, 29/02/1916.

¹² *A Cigarra*, ano 4, n° 79, 14/11/1917.

como o carnaval, as missas e procissões, os desfiles civis, etc. -, trazendo notícias de outras cidades e até de outros países, o que parece indicar a intenção de atingir um público leitor bastante variado.

O alto padrão das imagens impressas, a participação de renomados intelectuais e a diversidade de assuntos abordados parecem ter garantido o sucesso inicial da revista que a ajudou a permanecer no mercado editorial por longas décadas.

O contato direto com *A Cigarra* permite afirmar que algumas características destacaram-se em seu projeto editorial: a de ser noticiosa, literária e, principalmente, de entretenimento. Distribuídas por toda a revista, de modo variado e sem seguir um padrão definido, estas principais características, bem executadas, imprimiram um perfil diversificado e estruturaram as seções em seu interior. Basicamente a estrutura e a organização interna da revista se mantiveram ao longo do período analisado, ainda que alguns números saíssem sem todas as seções ou com uma ordem diferente. Cada exemplar se iniciava com as páginas de propagandas, logo após a capa; em seguida trazia a seção “Crônica” ocupando uma página, às vezes funcionando como uma apresentação, outras como um espaço para assuntos diversos; na sequência, meia página dedicada ao expediente; a seguir distribuíam-se as fotografias entremeadas com os contos, poesias, notas sociais, reportagens, e seções dedicadas a entretenimento sem uma ordem específica. As seções podiam aparecer em um exemplar, desaparecer por alguns números, retornarem algumas edições adiante, sem a preocupação de seguir um roteiro fixo ou manter coerência da estrutura.

A Cigarra noticiosa: O espaço dedicado à notícia não representou a principal característica da revista, que priorizou o relato de acontecimentos com maior repercussão, seja na cidade, no país ou no mundo. Apesar de sua linguagem pomposa, a revista amenizava o tom sisudo contido nos jornais diários. No seu segundo número, a revista mostra como a informação seria apresentada ao público:

*(...) Procurando fazer da Cigarra a revista brilhante e **ligeira**, inteligente e atual, digna de um lugar em todos os **boudoirs**.*¹³

¹³ *A Cigarra*, ano 1, n.º 2, 30/03/1914. Boudoir significa quarto de dormir e indica claramente a intenção da revista de propiciar uma leitura amena e agradável, uma distração íntima em convite ao sono. Grifo Nosso.

Sua proposta era trazer notícias que não perdessem a atualidade, pois, para uma revista publicada quinzenalmente, corria-se o risco da notícia ficar ultrapassada, ou devido a grande abordagem dos jornais diários, cansar o leitor. Desta maneira, em seu primeiro número anuncia que:

Apesar de aparecer A Cigarra com cerca de 70 páginas, não dispusemos de espaço suficiente para publicar todo o texto e todos os clichês que havíamos preparado.

A parte da matéria que deixou de sair hoje e que não perdeu a atualidade, será estampada no próximo número que esforçaremos por fazer melhor do que este.¹⁴

As notícias veiculadas na revista cobriam vários aspectos, podendo focar o mundo da política, notas sociais, culturais ou mundanas. Dispostas por toda a revista, sem um espaço definido, estes temas foram abordados de diferentes maneiras. Uma das formas, talvez a mais utilizada, era construir a notícia somente com fotografias e pequenas legendas que muitas vezes deixava informações subentendidas, indicando que o leitor já sabia do que se tratava. Inseridas muitas vezes no meio de textos enfocando outros assuntos diferentes, este tipo de notícia chegava rápida ao leitor devido às disposições das imagens nas páginas - quase sempre no centro ou na parte superior das mesmas. A análise destas reportagens permitiu visualizar como a notícia n'A Cigarra se torna mais visual e menos textual, propiciando uma leitura amena e ágil dos acontecimentos.

Este tipo de notícia leve e fragmentada está presente em diferentes espaços e lugares na revista, desde sua primeira edição cobrindo acontecimentos diversos na cidade tais como greves, incêndios, roubos, acidentes, inundações, etc. A revista também trazia muitas notícias sociais compostas com inúmeras fotografias. Notícias em tons alegres como casamentos e saraus eram constantes nas páginas d'A Cigarra, que dava à revista um aspecto de atual, mundana e de leitura agradável.

Outra maneira de noticiar d'A Cigarra articulava textos e fotografias cujo número variava conforme o assunto; elas ocupavam um considerável espaço na revista, e tinham em média três a cinco páginas. Entretanto, algumas notícias tiveram mais destaque na revista, ocupando um maior número de páginas. Em alguns exemplares estas notícias eram distribuídas por toda a revista, sem seguir uma seqüência nas páginas, uma

¹⁴ A Cigarra, ano 1, n° 1, 06/03/1914. Grifo nosso.

maneira clara de induzir o leitor a passar os olhos por vários assuntos e/ ou ver toda a revista.

Reafirmando sua característica de revista ilustrada, as matérias mais aprofundadas procuravam passar uma informação mais completa do assunto, reafirmando com ilustrações e fotografias um discurso atemporal no sentido de prolongar a validade da informação, reafirmando a importância da revista nesta função. Desta maneira *A Cigarra* afirmava sua qualidade de poder ser re-vista, sem perder a atualidade, o que poderia acontecer com os jornais diários.

A *Cigarra* entretém: Uma das características de uma revista mundana era oferecer entretenimento e diversão e esse parece ser o ponto alto d'*A Cigarra* que utiliza vários recursos para prender a atenção do leitor, com o objetivo de entreter, divertir, agradar e, conseqüentemente, vender. Muitas fotografias, jogos, correspondências dos leitores, notas sobre acontecimentos sociais, parecem indicar a tentativa de manter interessante a leitura do periódico por vários dias.

Diretamente informada e muitas vezes fazendo parte dos acontecimentos artísticos e mundanos da paulicéia, a revista oferecia uma variedade de informações sobre como e onde se divertir na cidade. Além disso, a revista proporcionava entretenimento em suas páginas, falando diretamente com o leitor que, em algumas seções, participavam da sua elaboração. “Consultório Grafológico” é uma dessas seções, que propunha analisar, por meio das letras, a personalidade dos leitores. Outra seção que falava diretamente ao leitor, “Na Berlinda”, surge juntamente com a primeira edição da revista e como o próprio nome diz, transformava em alvo de comentários pessoas da sociedade paulista, evidentemente as que estavam na “ordem do dia”. Esta era uma seção de crônica mundana e registrava os eventos sociais, trazendo comentários sobre como se divertiam e viviam as pessoas ilustres da cidade, difundindo novos hábitos e sociabilidades, enfim, e trazendo a cidade de São Paulo para o interior da revista.

Através das muitas fotografias impressas a revista também oferecia modelos de entretenimento com a divulgação de bailes, espetáculos, piqueniques, saraus, enlances, procissões, jogos esportivos, o corso, desfiles cívicos, entre outros acontecimentos relacionados à urbe paulistana. Sem ocupar uma seção específica, estas fotografias eram distribuídas por toda a revista, sendo que além de virem acompanhadas pelas legendas, algumas vezes traziam textos, reforçando as características do evento. O carnaval era

um dos acontecimentos mais retratados na revista. Suas festas apareciam nas capas, na seção Crônica e em todo o interior da revista, dando a impressão de que a festa também se passava na revista.

A *Cigarra* literária: Apesar d'*A Cigarra* apresentar-se como uma revista mundana, de variedade, com textos ligeiros, sem qualquer compromisso com a literatura ou a cultura em geral foi constante e intensa a presença de textos literários em suas páginas. Os colaboradores da revista foram muitos, desde os nomes mais evidentes na literatura e nas artes, alguns dos quais iniciaram ali sua carreira, até outros sem muito destaque, como já foi abordado no primeiro capítulo.

Criada em momento em que as revistas puramente literárias, fundadas e editadas pela chamada “Geração da Academia”¹⁵, perdiam seu espaço nas editoras e na sociedade, *A Cigarra* procura ser ao mesmo tempo noticiosa, recreativa, e também literária. Nelson Werneck Sodré afirma que, a partir da segunda década do século XX a literatura alcança uma influência maior no interior das revistas, que se denominavam de variedades ou mundana.

*As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que imprensa e literatura se confundiam e como que separando, ou esboçando a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois, ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente críticas outras.*¹⁶

A organização d'*A Cigarra* mistura diferentes linguagens visuais e textuais, mas a presença da literatura é constante nas edições. Com intensa publicação de textos literários misturados a fotografias, anúncios e a uma variedade de assuntos, a leitura da revista significava o salto de um assunto a outro na mesma página e parece indicar a definição de um modo de fazer revista de variedades para uma diversidade de leitores, cada vez mais anônimos, que vai ganhando forma ao longo das primeiras décadas do século XX.

¹⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 302.

¹⁶ Op. Cit., p. 289.

O interesse em aumentar a tiragem e de atrair mais publicidade, fazia com que a revista publicasse uma grande quantidade de assuntos com rapidez, o que tornava, muitas vezes, seus conteúdos mais superficiais na abordagem. Ela é um exemplo do que posteriormente iria se denominar de uma imprensa de massa. Sem ter um assunto ou temática principal e com uma estrutura flexível – seções podiam ser acrescentadas e suprimidas a cada número -a revista se inseria dentro de um sistema de comunicação de massa. Desta maneira, torna-se um empreendimento, caracterizando-se como uma empresa na qual seus proprietários e funcionários viveriam de renda. Apesar disso, o texto literário era ainda fundamental na concepção de uma revista ilustrada no início do século XX. Evidentemente, a revista apoiava-se em uma concepção estrita de literatura pensada como as “Belas Letras”, dando destaque a estilos e autores mais afinados com os valores clássicos e acadêmicos que seguissem seu perfil mais ‘conservador’. Apesar de abrir espaço à participação de colaboradores e buscar caracterizar-se como uma revista de cultura e artística, *A Cigarra* mantinha como exigência e critério de seleção os textos leves e escritos de acordo com a norma culta da língua.

A Cigarra não foi o tipo de revista que abriu espaço à crítica literária ou às longas discussões e polêmicas sobre os rumos da literatura ou das artes. Ao contrário, ela se propunha a publicar textos que proporcionassem uma leitura agradável; a distração leve e o passatempo são os compromissos d’*A Cigarra*.

Paulo Mendes de Almeida, ao escrever sobre os 50 anos d’*A Cigarra*, destaca o grande valor literário que ela desenvolveu em seu início de publicação, com a presença de reconhecidos literatos colaborando em suas páginas.

Suas páginas, como vimos, foram o início para a carreira de vários autores, ilustradores e caricaturistas que seriam mais tarde consagrados pelo público leitor. Nelas conviviam autores como Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Léo Vaz, Menotti Del Picchia, Paulo Setúbal, Monteiro Lobato, entre outros.

A revista se preocupava em tornar acessível o contato dos leitores com os literatos, pois, em um momento que o livro começava a ser produzido no país e a população ainda não tinha tanto acesso aos mesmos, os periódicos se tornavam um espaço privilegiado para letrados e pessoas em geral interessados na produção

intelectual paulista. Assim, as revistas seriam o veículo difusor da obra de jovens autores, escritores e poetas.

Com grande presença nas edições d'*A Cigarra*, as crônicas, os contos, as fábulas e as poesias, fizeram parte do grande projeto editorial da revista de ser mundana, de variedades, cujos conteúdos, procuravam agradar a todos os tipos de público leitor. Assim, portanto, foi através de pequenas partes bem estruturadas que a revista permaneceu fazendo parte da grande imprensa paulista.

Aprofundando as temáticas mais abordadas pela revista e nas diferentes linguagens utilizadas, visualizamos toda uma estrutura de constituição de uma revista de variedades, no qual *A Cigarra* tinha essencialmente três canais de comunicação: as notícias, o entretenimento e o caráter literário. Caracterizando-a dentro da proposta de variedades e voltada para todos os tipos de leitores. Seu discurso, algumas vezes calados sobre alguns assuntos, outras com bastante exploração, mostrava a proposta da revista de ser uma revista voltada para assuntos leves e sutis, o que também encaixava na sua proposta de ampliação de vendas.

BIBLIOGRAFIA

- BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ed. Ática, (Série Princípios) 1986.
- CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e outros registros. Flagrantes do Pré-modernismo (1911-1918)*. Dissertação de Mestrado: IFCH/UNICAMP/ Campinas, 1990.
- PADILHA, Márcia. *A Cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta. Periodismo e vida urbana-1890-1915*. São Paulo: EDUC, Fapesp, Arquivo do Estado de São Paulo, imprensa Oficial de São Paulo, 2000.
- CRUZ, Heloisa de Faria. (org.) *São Paulo em Revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana. 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997 (Coleção Memória; Documentação e Pesquisa 04).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. Ministério da Educação e Cultura, Imprensa Nacional, 1964.